****

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

**DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira III**

**PROFESSOR: Francisco H. Arruda de Oliveira**

**ALUNO (A) \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

**Texto Teórico 1**

1. Leia a **nota** reproduzida abaixo.

O galã do Brasil

Aos 89 anos, Jorge Loredo é um dos grandes do humor e das artes cênicas nacionais. E continua Bonitinho


**Com seu terno de ombreira, topete de graúna e a gravata-borboleta dotamanho de um skate, Zé Bonitinho diz tudo sobre o nosso "brazilianlover".**

Nem em seus melhores sonhos um certo Jarbas, rapazote metido que ali pelo começo da década de 40 andava pelos bares cariocas olhando-se insistentemente nos espelhos das chapelarias, encantado com a própria figura e recitando para si mesmo frases como “Alô, garotas, cheguei”, imaginou que serviria de inspiração para um dos mais incríveis e longevos tipos da vasta galeria de personagens da risadaria brasileira. Seu amigo Jorge Loredo captou os trejeitos de Jarbas, que se autoproclamava “O perigote das mulheres”, muniu-se de uma perucatopetuda, um pente gigantesco e um bigodinho fino da malandragem da época para dar vida à mais perfeita paródia do brasileiro metido a gostoso e conquistador, dono de uma autoestima nem sempre proporcional à realidade ou aos seus dotes físicos, materiais e/ou intelectuais. O mais ilustre filho do dr. Jorge Loredo (sim, além de estudar teatro, inclusive com o mago da mímica Marcel Marceau, ele se formou em direito e exerceu a advocacia trabalhista ao longo de décadas) chama-se Zé Bonitinho.

A alguns meses de completar 90 anos, Jorge continua saindo de sua casa no bairro de Santa Tereza para gravar participações impagáveis em programas humorísticos que não querem abrir mão do dono de bordões como “O chato não é ser bonito, o chato é ser gostoso”, fazendo esse cruzamento exótico com o rascunho tosco de Clark Gable e Costinha. Entrevistado pelo repórter Arthur Verissimo para uma edição da “Trip” especialmente dedicada ao humor, Jorge diz que nunca teve um milímetro da banca de seu personagem. “Que nada, Arthur, sempre fui tímido com as beldades”, responde o humorista. E acrescenta: “A maioria dos artistas e comediantes é introvertida por natureza. Meu mestre Oscarito parecia um professor de latim. Não gostava de ser engraçado pessoalmente. Os grandes humoristas e comediantes que conheci passaram por sofrimentos e tragédias. A maioria sofre ou sofreu bastante bullying e preconceito.”

Com seu primeiro filme rodado em 1959 e o mais recente em 2011 (“O Palhaço”, de Selton Mello), Loredo é certamente um dos atores de carreira mais longeva no Brasil.O duro não é ser bonito... o duro é ter tanto talento. E por tanto tempo.

Disponível em: <[http://www.istoe.com.br/colunas-e-blogs/coluna/295792\_O+GALA+DO+BRASIL](http://www.istoe.com.br/colunas-e-blogs/coluna/295792_O%2BGALA%2BDO%2BBRASIL)>. Acesso em: 31 mai. de 2013.

Como vimos, o texto tem como objetivo apresentar informações sobre o comediante Jorge Loredo e o seu principal personagem, Zé Bonitinho. Para tanto, ele traz informações sobre o “rapazote metido” que inspirou essa personagem, sobre o ator que a interpreta e sobre a sua carreira artística, que perdura até os dias de hoje.

Para organizar as informações de modo a fazer com que o leitor perceba, dentre elas, quais são mais ou menos relevantes, o autor utiliza-se de estratégias oferecidas pela sintaxe da nossa língua. Um exemplo disso pode ser visto na seguinte frase, retirada do texto:

*Com seu terno de ombreira, topete de graúna e a gravata-borboleta do tamanho de um skate,* ***Zé Bonitinho diz tudo sobre o nosso "brazilianlover****".*

 Da forma como o período está organizado, podemos dizer que o autor quis dar destaque à informação de que o personagem Zé Bonitinho é representativo da figura do conquistador/amante brasileiro. As demais informações foram posicionadas no período de forma a serem consideradas como secundárias. Podemos concluir, dessa forma, que a estrutura escolhida pelo autor não é aleatória, mas está ligada ao ponto de vista que permeia o texto. Nesse caso, apesar de não se tratar de um texto argumentativo, o autor, a partir de suas escolhas lexicais, da estrutura frasal e demais recursos fornecidos pela língua, afirma, implicitamente, que Zé Bonitinho representa o autêntico “galã” brasileiro.

Em vez disso, se o autor, nesse período, optasse por enfatizar o figurino do autor, por exemplo, poderíamos ter a seguinte estrutura:

*Representando muito bem o nosso "brazilianlover”,****Zé Bonitinho aparece com seu terno de ombreira, topete de graúna e a gravata-borboleta do tamanho de um skate****.*

O mesmo pode ser visto no início do primeiro parágrafo:

***Nem em seus melhores sonhos um certo Jarbas****, rapazote metido que ali pelo começo da década de 40 andava pelos bares cariocas olhando-se insistentemente nos espelhos das chapelarias, encantado com a própria figura e recitando para si mesmo frases como “Alô, garotas, cheguei”,* ***imaginou que serviria de inspiração para um dos mais incríveis e longevos tipos da vasta galeria de personagens da risadaria brasileira.***

Todas as informações que aparecem entre os trechos em negrito são postas como informações secundárias com relação à informação para a qual se quer dar destaque, ou seja, que Jarbas nunca imaginou que inspiraria a criação de uma personagem brasileira tão prestigiada.

Assim, podemos concluir que da mesma forma que existem informações principais e secundárias dentro de uma oração, também existem orações principais e secundárias dentro de um período composto. Ou seja, há uma espécie de hierarquização das informações no período e, como vimos, ela não é aleatória. Por isso, é necessário que compreendamos como podemos organizar os períodos que construímos, a partir dos objetivos que pretendemos alcançar com nossos textos.

Vejamos, a seguir, como o autor do texto utiliza- se de recursos oferecidos pela língua para unir as orações em um mesmo período e apresentar ideias principais e secundárias.

*Seu amigo Jorge Loredo captou os trejeitos de Jarbas,* ***que*** *se autoproclamava “O perigote das mulheres”****,*** *muniu-se de uma peruca topetuda, um pente gigantesco e um bigodinho fino da malandragem da época* ***para*** *dar vida à mais perfeita paródia do brasileiro metido a gostoso e conquistador, dono de uma autoestima nem sempre proporcional à realidade ou aos seus dotes físicos, materiais e/ou intelectuais.*

Primeiramente, observemos que a pontuação, a conjunção e pronome relativo unem as orações dentro do texto para que as relações entre elas sejam compreensíveis para o leitor. Nesse caso, eles unem as seguintes orações:

1. *Jorge Loredo captou os trejeitos de Jarbas.*
2. *Jarbas se autoproclamava “O perigote das mulheres”.*
3. *Jorge Loredomuniu-se de uma peruca topetuda, um pente gigantesco* ***e*** *um bigodinho fino da malandragem.*
4. *Jorge Loredodar vida à mais perfeita paródia do brasileiro metido a gostoso e conquistador [...].*

Além dos termos mencionados, perceba que, na junção das orações, outras expressões são omitidas ou recuperadas, como é o caso do pronome *seu* (que recupera o substantivo Jarbas), a fim de que repetições desnecessárias sejam evitadas.

Em segundo lugar, podemos destacar a forma como o autor construiu a hierarquização de informações dentro do período. Sobre isso, vejamos que a oração 1 introduz uma informação, que é interrompida pela oração 2, e é continuada pelas orações 3 e 4. Assim, compreendemos que a oração 2 não pode deixar de aparecer no período, pois trata-se de uma informação relevante, porém não condiz com o que, para o autor, é principal nesse momento. Perceba que a oração 2 trata de uma informação sobre Jarbas e as demais trazem informações sobre Jorge Loredo, que é o foco do texto. Escolhendo essas posições para cada oração, o autor confirma o objetivo do texto, cujo foco é no ator Jorge Loredo e não no amigo que lhe serviu de inspiração.

Para saber unir as orações, portanto, é necessário que utilizemos nosso conhecimento sobre coesão, sobre pontuação, sobre pronomes relativos, enfim, sobre diversos recursos oferecidos pela nossa língua. Porém, mais do que isso, é necessário que saibamos as possibilidades de construção do período composto e quais as implicações de cada possibilidade. Quanto melhorsoubermos utilizar esses recursos, mais teremos domínio na construção de períodos complexos. Do contrário, construiremos períodos longos que não dizem muita coisa, ou dizem algo diferente do que pretendíamos falar/escrever para o(s) leitor(es)/ ouvinte(s). Dessa forma, é importante que saibamos qual o nosso objetivo diante da necessidade de se produzir um texto e como podemos alcançar esse objetivo a partir dos mecanismosde construção do período.

**BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

GARCIA, Othon M. Organização do período. In: \_\_\_\_\_. **Comunicação em prosa moderna**. 26. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.